

■ DORA KRAMER

O poder na reta final

É fato que os senadores Antonio Carlos Magalhães e Jader Barbalho desenvolveram um ódio pessoal mútuo de dimensões amazônicas, mas é fato também que há muito mais que sentimentos em jogo na briga sem freios nem rodeios em que estão metidos os dois por causa da eleição à presidência do Senado, em fevereiro.

O dado fundamental e que até agora não tem merecido destaque é que o PFL deixará para o PMDB, depois de quatro anos, a chefia de um dos poderes da República. Fará isso no começo dos dois anos finais de governo Fernando Henrique, quando, dependendo de como caminharem as eleições de 2002, as forças que hoje detêm a hegemonia política poderão estar exercendo aquele comando pela última vez, em sabe-se lá quanto tempo.

Se um esplêndido desempenho da oposição alterar o tamanho das bancadas partidárias no Parlamento, por exemplo, nada garante que os presidentes da Câmara e do Senado depois de 2002 sairão do PMDB e do PFL como ocorre há anos.

Além desse lado da questão – digamos assim, mais mesquinho –, há outro mais poderoso: os pemedebistas estarão no comando do Congresso em pleno processo de sucessão presidencial. Esta é a razão crucial para que a disputa entre Jader e ACM assuma contornos tão acirrados, dado que é poder – e muito – o que está em jogo.

Pela primeira vez nesses anos de convívio entre PMDB, PFL e PSDB, os pemedebistas estarão em posição francamente vantajosa na aliança. Só perderão pontos para o PFL – que ficará com a Câmara – se o presidente Fernando Henrique Cardoso por acaso vier a se candidatar a algum cargo, como o de senador, por exemplo, o que faria o presidente da Câmara assumir a Presidência da República no período da desincompatibilização. O vice, Marco Maciel, não poderia, porque é candidato ao Senado.

Nesta hipótese, vamos registrar, só a título de parênteses, o comandante-chefe da nação, por seis meses, seria Inocêncio Oliveira. Mas não adianta gastar aflição com possibilidades por enquanto improváveis.

Até porque o caso em si já encerra complicações suficientes. É evidente que Antonio Carlos Magalhães adoraria ver José Sarney eleito presidente do Senado porque, embora ele seja do PMDB, a vitória seria atribuída a ACM e não ao partido. Sarney, aliás, seria tido e havido como testa-de-ferro de Antonio Carlos que continuaria, para todos os efeitos, sendo visto como o dono do cargo.

É por essas e por outras que Jader Barbalho admite até abrir mão da candidatura, mas repudia qualquer possibilidade de o candidato pemedebista vir a ser alguém que tenha o mais leve resquício de ligação direta com o senador baiano.

O leitor poderia nessa altura estranhar o raciocínio e se perguntar por que, se é assim, o PFL então não entra de vez na briga contra o PMDB para tentar impedi-lo de chegar a tão poderoso cargo?

Porque, institucionalmente, ao partido não interessam vitórias ou derrotas pessoais e deixando Jader tocar seu barco já tem a Câmara garantida. Além do mais, o estilo de ACM é totalmente personalista e ele, depois de sair da presidência do Senado, ficará até a eleição de 2002 sem uma plataforma de destaque que transcenda sua própria figura. Embora Antonio Carlos, mesmo sem formalidades de cargos, já não seja exatamente pouca coisa, é claro que se puder terceirizar o comando do Senado, tanto melhor.

O PMDB, por sua vez, não abrirá mão do projeto nem que o mundo se acabe e muito menos aceitará entregar o ouro ao adversário.

Todas as previsões indicam que a briga ainda vai ficar muito mais feia. A guerra de dossiês, denúncias e processos está só em fase de preparação. Teme-se até que nenhum dos dois sobreviva – politicamente, bem-entendido – para contar a história.

Mas ainda que se destruam, não terão feito isso movidos pela paixão, mas instados à luta pelo cálculo frio dos pesos e das medidas que asseguram o equilíbrio de poder.